2.ª SERIE. TOMO II.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

**Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.**

N.º 20. QUINTA FEIRA, 21 DE FEVEREIRO DE 1850. 9.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### AS FABRICAS DA COVILHÃ E O CONTRABANDO.

320 Em 3 de Fevereiro do anno findo, diziam os representantes dos avultados interesses industriaes da Covilhã em um documento importante que temos presente:

« O que seria de nós se por fatalidade se abolissem ou alterassem as pautas?

« Onde iriam buscar pão tantos milhares de familias?

« A nossa ruina era certa, e inevitavel a nossa miseria.

« Oxalá que os exforços reunidos de todos os interessados façam sustentar esta egide da nossa vida e da nossa prosperidade. »

Estes mesmos receios manifestam ao presente, não só os fabricantes da Covilhã mas todos os fabricantes de lanificios, pois que o contrabando de fazendas hispanholas lhes está causando graves prejuizos, e continuando na progressão em que vae as poderá completamente arruinar.

Consta-nos que acabam de subir á presença do Governo representações, que mostram a gravidade do mal e a necessidade urgente de algumas providencias.

Uma das mais respeitaveis associações do paiz — a Associação Covilhanense — communicou a sua representação á Sociedade Promotora da Industria Nacional. Sabemos que o Conselho Director desta Sociedade tomou na maior consideração o que lhe foi communicado pelos fabricantes da Covilhã, e que resolveu juntar os seus rogos aos da Associação Covilhanense, encarregando dois dos seus membros de appresentarem ao Sr. Ministro da Fazenda a representação da Sociedade. Esperamos que o illustre Ministro prestará a este assumpto a muita attenção que merece, e que brevemente se vejam provas de que os interessados não recorrem debalde ao Governo, a quem compete fazer com que seja uma realidade o systema protector que serve felizmente de base ao regimen economico do nosso paiz.

Uma das consequencias da protecção das Pautas é o evitar o contrabando, e castigal-o como um crime que não só prejudica interesses, que se referem a milhares de familias, mas até diminue muito a receita publica applicada aos pesados encargos do Estado.

É um facto incontestavel, e de que temos provas nas muitas communicações e reclamações, que a este respeito nos tem sido feitas — que o contrabando de lanificios hispanhoes invade todas as nossas cidades, villas e aldêas — e que nas feiras, sem nem siquer pagar direito fiscal, vem repellir do mercado os artefactos nacionaes.

Não occultaremos que no fundo desta questão se encontram os complicados embaraços das nossas finanças, e o atrazo da nossa industria agricola.

Desgraçadamente ainda quando os empregados fiscaes andassem pagos com regularidade, os seus diminutos vencimentos não são incentivo para o cumprimento de deveres difficeis, que não exigem só probidade, mas que tambem requerem muito zelo e justa compensação dos serviços e sacrificios feitos. As reducções continuadas nos vencimentos dos empregados publicos, o atrazo de seu pagamento, são as economias mais caras do Estado. Por outro lado se o contrabando appresenta no mercado os productos da industria hispanhola por mais baixo preço do que os nossos, é porque essa nação possue a materia primeira, que nós poderemos tambem possuir, se apurarmos as raças dos nossos gados, se os soubermos tractar, e se em logar de invadirmos todos os terrenos com a cultura do vinho e dos cereaes, dermos grande desenvolvimento aos pastos, que são a base de uma boa creação de gados.

Para estes resultados se alcançarem era mister que a Agricultura tivesse um logar nas cadeiras do ensino publico e que as instituições agricolas tivessem uma verba de algum vulto no orçamento do Estado, e era mister tambem que o paiz reconhecendo a força do civilisador principio da associação, o applicasse amplamente ao incremento destes verdadeiros interesses agricolas.

O que deixamos escripto é um resumo dos principios que ha tres annos defendemos neste jornal.

Se os encontramos na solução de qualquer questão importante da nossa economia social, é porque ainda não foram adoptados como meio unico de salvar o paiz

da ruina que o ameaça, e de o dotar com uma prosperidade duradoira.

É só no estado de geral desalento sobre a acção dos principios constitutivos da sociedade na defensa dos verdadeiros interesses do paiz e no seu incremento que se podem avaliar os motivos, que levam a Associação Covilhanense a propor ao Governo; que para combater o contrabando, além da quota geral das contribuições que os seus membros pagam como todos os outros habitantes do paiz, se offerecem para pagar mais uma quota extraordinaria e avultada, desejando regular-lhe a sua applicação, para o que requerem ao Governo:

1.º Authorisação para ter parte na fiscalisação do contrabando por meio de empregados por ella nomeados, por ella pagos, e collocados aonde lhe convenha.

2.º Que os seus empregados tenham direito a exigir das differentes authoridades tanto civís como militares os empregados, e força necessaria para verificar as apprehensões do contrabando.

3.º Que as tomadias sejam julgadas pelas authoridades competentes, precedendo exame das fazendas apprehendidas por dois competentes fabricantes.

4.º Que o producto das tomadias seja dividido, metade para a Fazenda Publica, e metade para o apprehensor.

Não anteciparemos a nossa opinião sobre estas exigencias, mas diremos, que o assumpto é da maior monta, e que o Governo deve promptamente tomar sobre elle as providencias que julgar convenientes.

Temo-nos declarado defensores da protecção e sectarios dos principios que reconhecem no desenvolvimento da industria fabril o meio de fazer prosperar a nossa agricultura, dando saída e valor aos seus productos.

Os interesses que ao presente estão ameaçados pelo contrabando — são como se fossem nossos. A Associação Covilhanense, e as fabricas que fazem da villa um dos maiores centros industriaes do paiz, podem contar com a REVISTA como com um jornal, que, por direito e tradicção de annos, pertence á defeza de todos os principios de que depende a verdadeira prosperidade do paiz.

A riqueza que ao presente se observa em todo o districto fabril da Covilhã é obra das Pautas — o movimento industrial que ahi se admira recebeu o seu impulso dos principios da protecção.

Em 1837 todo o trabalho fabril era feito manualmente e só a fabrica dos Srs. Pessoas e Amorim trabalhava com algumas machinas de systema antigo desde 1820. Cada caza era uma fabrica — mas os braços faltavam para o trabalho e era mister ir buscal-os longe — a carestia dos productos era o resultado destes acanhados meios de producção industrial. O pano não saía mui perfeito por quanto a lã era fiada e cardada á mão. A situação da Covilhã longe de porto de mar era mais um forte obstaculo ao seu melhoramento industrial.

Logo que se promulgaram as Pautas, a esperança de melhor futuro foi um sentimento geral, e adquirida a confiança de que esse systema economico não deixaria de ser reconhecido como um principio fundamental do Governo do paiz, o principio da Associação veio annunciar que uma nova era se abria já á nossa industria; a fundação da mui illustre e benemerita Associação Covilhanense Fabril e Mercantil foi o primeiro facto que annunciou o quanto se havia de fazer em beneficio dessa villa, sempre notavel pela sua intelligente vocação para a vida honrada do trabalho.

Os resultados das Pautas para a Covilhã resumem-se em poucas palavras, mas são de extraordinaria magnitude.

Em 1842 já o fabrico havia augmentado um terço do producto annual anterior a esta epocha. Por esse tempo os Srs. Gomes Corrêa e Irmãos, respeitaveis fabricantes de lanificios, construiram um vasto edificio, e fizeram ahi trabalhar machinas vindas de Inglaterra, e movidas por motor hydraulico.

Ao presente o resultado de sete annos de zeloso trabalho é para admirar.

São 20 os sumptuosos edificios fabris que desde 1842 se tem construido; a qualidade dos pannos entrefinos melhorou consideravelmente; os processos da tinturaria melhoraram tambem muito — os preços desceram, e os capitaes da Covilhã centralisados para tão grandiosa empreza dão hoje como resultado o producto annual de 15 mil pannos, o emprego de milhão e meio de cruzados, e o sustento e prosperidade de cinco mil operarios.

Taes são os fundamentos com que nós erguemos a voz em favor dos fabricantes e operarios da Covilhã, ameaçados pelo espantoso contrabando que inunda o paiz.

Ao Governo compete meditar sobre estes factos, e providenciar com urgencia sobre tão grave materia.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

---

## NOTICIA ÁCERCA DOS TRABALHOS DA COMMISSÃO GEOLOGICA DIRIGIDA POR MR. CHARLES BONNET, NAS SUAS EXPLORAÇÕES Á PROVINCIA DO ALEMTEJO EM 1849.

321 No principio do anno passado dirigi á REVISTA UNIVERSAL uma resumida noticia (veja-se o n.º de 11 de Janeiro de 1849, e o *Diario do Governo* de 8 do mesmo mez) dos trabalhos executados na provincia do Algarve por M. Charles Bonnet, e offerecidos depois á Academia Real das Sciencias de Lisboa, que o nomeou seu socio, mandando imprimir a sua mui importante Memoria, a qual deverá apparecer na futura semana.

Estes trabalhos foram reconhecidos de tanta utilidade para o paiz, que deram logar á proposta de Lei appresentada aos Corpos Legislativos, em Abril passado, pela qual foi auctorisado o Governo de Sua Magestade a mandar que elles se fizessem extensivos ás outras provincias do reino.

Cumpre-me agora dar conhecimento de uma parte dos preciosos resultados obtidos, nas duas primeiras digressões feitas no Alemtejo, pela Commissão encarregada de tão importante missão. Foi o mesmo M. Bonnet a pessoa incumbida pelo Governo de Sua Magestade de continuar aquellas explorações, já por elle dignamente desempenhadas no Algarve, determinando ao mesmo tempo que se lhe reunissem, para o coad-

juvar, dois distinctos portuguezes, escolhidos pelo mesmo M. Bonnet, e approvados pelo Governo, os quaes o acompanharam na primeira digressão, e foram o Dr. Joaquim Julio Pereira de Carvalho, Oppositor em Coimbra, e Engenheiro de Pontes e Calçadas, e o Tenente de artilheria, José Maria da Ponte e Horta; mas na segunda viagem foi somente acompanhado pelo primeiro.

O Governo de Sua Magestade julgou que a Commissão, além de se occupar exclusivamente na exploração geologica, podia prestar outros serviços igualmente importantes; pelo que ampliou as suas instrucções, encarregando-a não só da parte geologica, mas tambem da geographia physica do paiz, incumbindo-a ao mesmo tempo de colher o maior numero de documentos estatisticos que podesse alcançar, sem com tudo faltar á parte essencial das primeiras instrucções, sendo uma dellas a de examinar, e emendar o Mappa Geral de Portugal, que eu ha muito havia coordenado na escala de $\frac{1}{400000}$, ainda inédito, e que apezar de todos os meus esforços não deixa de conter muitas lacunas, e incertezas, especialmente no curso dos rios e nas direcções das serras, tornando-se mais salientes estes defeitos a respeito da vasta provincia do Alemtejo, muito mal descripta até ao presente. Para facilitar os trabalhos da Commissão lhe forneci dois exemplares da parte relativa á mesma provincia, em escala dupla da Carta geral, ou na proporção de $\frac{1}{200000}$, que adoptamos para todas as cartas parciaes das provincias, as quaes deverão publicar-se successivamente com as Memorias descriptivas de M. Bonnet, e que servirão de base e illustração aos seus trabalhos de geographia physica e geologia.

Cumpre-me manifestar com imparcialidade a minha opinião ácerca do trabalho da carta geral deste reino que emprehendi e conclui ha tempos, a qual deverá receber grande aperfeiçoamento e importancia com o auxilio das explorações da commissão; e ainda que não possa apparecer perfeita, terá com tudo a grande vantagem de se concluir em prazo mui limitado e com a tenue despeza de 10 contos fornecidos á commissão em 3 annos; e que na qualidade de carta provisoria poderá satisfazer a todas as exigencias administrativas, carta que até ao presente não possuimos, com grande desdoiro nacional, sendo tanto mais importante este trabalho por isso que se achará enriquecido pelo circumstanciado nivelamento do terreno, determinando M. Bonnet com o auxilio do barometro, por estações successivas, as alturas de um grande numero de pontos, podendo assim configurar-se o relevo do terreno, elemento da maior importancia para o exacto conhecimento dos climas, projectos de estradas, canaes, trabalhos agronomicos, disposições militares, etc. etc.

É sabido que existe neste reino uma commissão especial encarregada da confecção do grande mappa geodesico e cadastral do reino de Portugal, a cuja frente se acha collocado o nosso sabio engenheiro o Sr. Filippe Folque, e que esta magnifica empreza se executa com toda a perfeição e rigor a que hoje tem chegado a geodesia, e na grandiosa escála de $\frac{1}{10000}$, pelo que nada deixará a desejar; mas infelizmente esta colossal empreza não poderá terminar-se senão depois de terem decorrido grande numero de annos, e de enormes despezas, apezar dos grandes talentos e do prestimo do illustre chefe que a dirige; e para se não julgar que são exagerados estes nossos receios, citaremos o que se está presenciando em Inglaterra a respeito de identicos trabalhos que alli se tem executado sem interrupção ha quasi 60 annos. — Referem os jornaes litterarios daquelle paiz que a medição trigonometrica da superficie da Grã-Bretanha, que começou em 1791, custou até ao presente 1,428:400 £ str. ou mais de 16 milhões de cruzados, e que somente a Inglaterra, exceptuando-se ainda os 6 grandes condados septentrionaes, se acha medida até ao presente, tendo-se successivamente publicado as respectivas cartas especiaes na escala de uma pollegada por milha ingleza, ou na proporção de $\frac{1}{62400}$, escala que presentemente todos concordam ser mui diminuta para aquelle fim. — Em consequencia foi ultimamente determinado que os trabalhos de medição do resto do reino unido sejão continuados por 4 companhias do real corpo dos engenheiros, auxiliados por 800 geometras civis, consignando annualmente o budget, para a sua execução, a avultada quantia de 60,000 £ str. (270 contos): e como a superficie da Inglaterra, sem comprehender a Escossia é de 4900 leguas quadradas geographicas, e os 6 condados septentrionaes ainda por medir occupam a quinta parte desta superficie, segue-se que o terreno já levantado ainda não abrange 4000 leguas quadradas.

Ora sendo a superficie de Portugal de 3,000, é evidente que para obtermos uma similhante carta deste reino seriam necessarios 45 annos, e uma consignação annual permanente de 110 contos de réis, na supposição de que a escala da nossa carta se reduziria á sexta parte da que effectivamente se adoptou para este reino, porém o nosso grande apuro financeiro, e a falta do numeroso pessoal que exigiria o emprego dos 110 contos de prestação annual, serão por longo tempo obstaculos quasi invenciveis.

Já referimos que as instrucções dadas á commissão não se limitaram ao aperfeiçoamento da minha carta, mas tambem tiveram por objecto o circumstanciado exame dos materiaes de que se compõe o solo, e que tanto interessam a agricultura e as artes, assim como a formação de numerosas colleções geologicas e mineralogicas que ponham patentes as riquezas existentes no reino.

O Governo de Sua Magestade expediu terminantes ordens ás auctoridades civís e militares a fim de coadjuvarem a commissão, a qual se poz em marcha no dia 29 de Maio passado, munida de bons instrumentos de propriedade de M. Bonnet, pois que o Governo deixou a cargo deste Engenheiro aquella despeza.

Os instrumentos foram os seguintes: — Duas bussolas de grande diametro, uma das quaes guarnecida com pinulas dobradas, medindo os angulos com a precisão de um quarto de gráu, guarnecidos os seus pés de joelho denominado á *Cugnot*. — Algumas bussolas pequenas, ditas de geologo destinadas a avaliar a inclinação das camadas. — Um pantometro repetidor que mede os angulos com grande exactidão supprindo vantajosamente o uso do Textante. — Um excellente barometro portatil a nivel constante, com os competentes thermometros, e além destes outros pequenos

instrumentos necessarios para o exame das rochas e mineraes.

A Commissão começou a sua digressão pelo exame da margem esquerda do Sado, e continuou a percorrer em detalhe todo o lado occidental da provincia do Alemtejo, até attingir a Foya do Monchique no Algarve, a fim de ligar os seus novos trabalhos com os desta provincia já anteriormente executados por M. Bonnet, e regressando novamente para o Alemtejo, examinou circumstanciadamente as suas serranias meridionaes, que são na realidade a continuação das do Algarve. Subiu o rio Guadiana desde Villa Real até á entrada do Ardilla a uma legoa de Moura, voltando depois a Béja se dirigiu a Alcacer, desceu o Sado, e se recolheu a Lisboa a 11 de Agosto.

M. Bonnet apresentou ao Ministro do Reino, o Ex.mo Conde de Thomar, um extenso e circumstanciado relatorio dos trabalhos da Commissão executados nesta primeira viagem, demonstrando que todos os rios, ribeiros, suas nascentes, e afluentes tinham sido miudamente explorados, assim como as serras, possança das rochas, etc. etc. excitando ao mesmo tempo a attenção de S. Ex.a sobre diversos objectos de utilidade publica, especialmente sobre a possibilidade da juncção dos rios Guadiana e Sado por um canal que passaria proximo á cidade de Beja, servindo-se das aguas, e talvez do leito das ribeiras Odiarça afluente do Guadiana, e da Odivellas que desemboca no Sado: sobre cujo importante projecto a Commissão se reserva expor a sua opinião em uma Memoria especial.

Em 28 de Setembro a Commissão se dirigiu para os districtos de Evora e Portalegre, a fim de proceder aos mesmos exames que praticára em Béja, em cuja exploração se deteve até 29 de Novembro.

Em tão limitado espaço de tempo a Commissão explorou nestas duas viagens os tres districtos de Beja, Evora e Portalegre, que formam o Alemtejo administrativamente considerado, percorrendo mais de 800 leguas, como incontestavelmente se prova pelo Diario da sua viagem, e pelos documentos que tenho visto, e que foram patentes a muitas pessoas, os quaes M. Bonnet com a maior franqueza patentea a todos que os desejarem examinar.

A Commissão fez 600 observações barometricas determinando assim a altura sobre o nivel do mar *(Altitude)* a mais de 400 pontos do solo do Alemtejo e indirectamente a de muito maior numero, servindo-se de nivelamentos comparativos.

Além deste precioso trabalho executou 115 estações de triangulação, as quaes baseadas sobre a antiga triangulação de Ciera, e triangulações secundarias do illustre General Caula, que eu lhe forneci, e sobre a minha Carta hydrographica das Costas de Portugal, dão em resultado uma grande exactidão na collocação dos innumeraveis pontos determinados pelas observações de M. Bonnet.

Estas 115 estações forneceram a posição de mais de 900 pontos, os quaes se fixaram com repetidos cruzamentos, sendo alguns delles determinados por seis ou mais enfiamentos, dando assim uma prova da grande exactidão daquellas observações. São tão numerosos os sitios fixados pelos sobreditos cruzamentos, que apezar da avultada escala da Carta esta os não poderá conter a todos, sendo necessario eliminar alguns menos importantes.

Não se limitou a tão complicado trabalho o seu incansavel zelo, mas tambem levantou alguns planos particulares de sitios importantes, descrevendo com particular miudeza a direcção dos rios, suas pontes e as serras; notando a possança das rochas, direcção e inclinação das suas camadas, fazendo especial menção de todos os pontos que podiam offerecer interesse considerados pelo lado da geographia physica, geologia, ou mineralogia, a fim de se habilitar a dar uma exacta descripção daquella provincia, enriquecendo-a com os perfis e cortes geologicos dos pontos mais salientes; recolhendo por fim 22 grandes caixas de amostras das rochas e mineraes encontrados, dos quaes já chegaram a Lisboa a maior parte.

Além de tão innumeraveis trabalhos a commissão colligiu officialmente e officiosamente um grande numero de documentos estatisticos ácerca da população, producções agricolas e fabris, existencia de toda a qualidade de gados, instrucção publica, e outros objectos da maior importancia, de maneira que poderá offerecer um precioso quadro estatistico dos diversos concelhos, o qual até ao presente se não possuia. — Em uma palavra a commissão se recolheu carregada de uma rica colheita de preciosas noticias, devida á sua perseverança e intelligencia, pelo que se não estranhará que tribute a M. Bonnet e aos seus dignos companheiros os mais decididos e sinceros elogios pelo bem que desempenharam os desejos do governo de Sua Magestade, sendo aliás bem conhecidas as grandes difficuldades e privações que se soffrem em nosso paiz, não só em taes jornadas e explorações, mas até em pequenas viagens de 20 ou 30 leguas por caminhos frequentados; porém percorrer o desabrido Alemtejo nos mezes de Junho, Julho e Agosto, subindo aos cumes das serras no meio do dia, expondo-se ás febres que infelizmente predominam nesta provincia durante os grandes calores, que ás vezes attingiram 44° centigrados, carecendo em muitos dias dos indispensaveis alimentos, e até de agua, são na verdade circunstancias que muito concorrem para tributar os mais bem merecidos elogios aos membros da commissão.

Cumpre notar-se que durante estas viagens se inutilisaram alguns thermometros, e um bello barometro de Guay Lussac, que se despedaçaram, com grave prejuiso de M. Bonnet, o qual tem mandado vir de Paris collecções de excellentes instrumentos, alli construidos pelo insigne artista Lerebours, e entre estes alguns barometros metalicos da ultima invenção denominados aneroides, barometros de mercurio, grande numero de bussolas e thermometros; mas alguns destes instrumentos se partiram na viagem com notavel perca do proprietario, o qual recebeu igualmente um daguereotypo de grande dimensão, destinado a reproduzir sobre certa especie de papel preparado as vistas das serras, cortes, perfis e monumentos importantes, que seria impossivel desenhar pelo methodo ordinario, o qual exige muito tempo e commodidades, e que nunca poderia offerecer a rigorosa similhança e exactidão que se obtem com este maravilhoso instrumento, assim aperfeiçoado, dando M. Bonnet mais uma prova de que não poupa o seu dinheiro para bem desempenhar os trabalhos de que foi encarregado.

Para se terminarem os trabalhos da provincia do Alemtéjo (geographicamente considerados) falta sómente examinar a margem esquerda do Téjo, pertencente ao districto de Santarem, e a peninsula comprehendida ao sul daquelle rio e Setubal, mas como destes pontos lhe forneci muito bons trabalhos geographicos, que já existiam, e mesmo alguns geologicos devidos a anteriores explorações, estes materiaes muito facilitarão a M. Bonnet a sua ultima jornada áquella provincia.

Este habil engenheiro se acha agora occupado em obter os resultados das suas observações barometricas, as quaes não carecem menos de dois mil calculos. — Em seguimento coordenará o grande mappa da provincia sobre o *canevas*, que lhe forneci baseado nas operações trigonometricas já mencionadas, sendo indispensavel que M. Bonnet comece por este trabalho para depois delinear o *canevas* da Carta Geologica, e os perfis dos terrenos, e para se habilitar a redigir as estatisticas particulares de cada concelho, pois que na grande Carta da provincia se poderão traçar aproximadamente os limites de cada um delles.

Sabemos com certeza que M. Bonnet tenciona fazer ácerca da estatistica do Alemtéjo, cartas parciaes dos concelhos segundo o systema adoptado pelo illustre sabio o barão Dupin a respeito da França e que acompanham o seu bello tratado de *l'Industrie Française*. Seriam insufficientes todas as expressões para animar M. Bonnet na continuação e desempenho de tão util projecto, e ainda que este primeiro ensaio não possa attingir de um jacto a extrema exactidão, será com tudo um passo dado para a conseguir, fornecendo preciosos esclarecimentos sobre um ramo de sciencia até agora bem pouco cultivado no nosso paiz; e apezar de que para coordenar tantas observações geographicas, geologicas, e estadisticas, seja indispensavel um dilatado prazo de tempo, com tudo temos as mais bem fundadas esperanças que no fim do corrente anno, todos estes trabalhos poderão completar-se, não obstante as futuras viagens que a commissão se propõe fazer durante a boa estação nas provincias da Estremadura e Serra da Estrella.

Temos egualmente a satisfação de annunciar que M. Bonnet se propõe fazer brevemente uma exposição de todos os objectos scientificos colhidos nas suas viagens, os quaes attestarão de uma maneira evidente os resultados do incansavel zêlo e intelligencia com que a commissão procedeu nos seus laboriosos trabalhos.

Cumpre-me por fim manifestar que se tenho uma viva satisfação em ter dado o primeiro impulso a este importantissimo projecto, com tudo teriam permanecido estereis os meus desejos se não fôra a energica coadjuvação que lhe prestou o meu illustre consocio academico o Ex.^mo^ Conselheiro Agostinho Álbano, e a poderosa e unanime approvação que encontrou nas duas camaras legislativas: e sem me antecipar sobre o que M. Bonnet deve brevemente publicar, não posso deixar de dizer que o Ex.^mo^ duque de Saldanha a quem coube a honra de apresentar o projecto de lei, muito auxiliou a commissão, e que o Ex.^mo^ Conde de Thomar, que lhe succedeu, não foi menos sollicito nos mesmos auxilios, devendo esperar que S. Ex.^a^ tendo já reconhecido a utilidade de similhantes trabalhos, continuará a proteger esta commissão, para o bom exito da qual Suas Magestades tem manifestado a mais decidida benevolencia, e cujos resultados tão vantajosos serão para os interesses materiaes deste reino.

Lisboa 15 de Fevereiro de 1850.

M. M. FRANZINI.

---

## DESTRUIÇÃO DE INSECTOS NOCIVOS.

322 Os ralos, escaravelhos, grilos, e outras especies similhantes, fazem grandes estragos nas hortas, e é difficil extinguil-os nas terras soltas e areosas. Os methodos mais provados para destruil-os são: —

1.° Regas com dissolução de vitriolo verde ou sulphato de ferro (caparosa verde) e de sulphato de cobre (caparosa azul).

2.° Iguaes regas de agua com ferrugem ou sabão preto dissolvido, e com aguas de lavar as loiças de metaes, ou das cenradas e barrelas.

3.° Espargimento das fundagens do vasilhame de azeite de peixe.

4.° Finalmente, mistura de cinzas sulphureas no acto de amanhar o terreno. Mas é preciso, nos annos de secca, ter o cuidado de dar boas e frequentes regas por causa da acção das caparosas e cinzeiros sulphureos.

---

## DA UTILIDADE DA FERRUGEM DO CARVÃO DE PEDRA NA AGRICULTURA.

323 É conhecido e apreciado na agricultura o prestimo da ferrugem proveniente de fornalhas em que se queima lenha ou carvão de cepa, porque serve para adubar e corrigir as terras de má qualidade; mas não estava egualmente adoptado o emprego da ferrugem que gera a combustão do carvão fossil ou de pedra. Experiencias recentes mostraram que esta ferrugem é tão proveitosa como a outra, sobre tudo quando procede de certas variedades de carvão mineral mais abundantes de nitrogenio, cuja proporção póde variar desde um quinto até dois por cento do pezo do combustivel, e de 0,92 até 4,94 por cento do pezo da ferrugem, o que corresponde a 5 ½ e a 29 ½ por cento de sulphato de ammoniaco cristallisado, sem contar o que póde formar-se largando-o o ar que passa sobre os materiaes incandescentes, e que ha-de variar segundo as condições physicas, e sobre tudo segundo o estado hygrometrico do mesmo ar.

Esta ferrugem é principalmente de vantajosa applicação aos prados e aos campos de trigo, circumstancia que pelos seus effeitos a aproxima do sulphato de ammoniaco. Comprehende tambem, por causa da enxofre que existe em todos os carvões fosseis, acido sulphurico que parece estar alli combinado com o ammoniaco e a cal. Finalmente encontra-se-lhe em proporções variaveis o chlore, o sulphato de ferro, e uma quantidade assás notavel de um acido indubitavelmento mui proximo do acido brumico; ingredientes, pelo menos os primeiros, que favorecem, activam, ou restabelecem a vegetação.

Tiram-se, portanto, destes factos as conclusões seguintes:

1.° Que o valor economico da ferrugem de carvão

de pedra para usos agricolas depende da proporção dos sulphatos de cal e de ammoniaco, que encerra.

2.° Que a proporção destes saes varia, mas que o ultimo eleva-se ás vezes a dez por cento do pezo total da ferrugem, e até mesmo póde passar de trinta por cento do sulphato cristallisado de ammoniaco.

3.° Que a acção particular da ferrugem para promover o crescimento e estado viçoso das plantas explica-se pela presença daquelles ingredientes, ao passo que o seu valor, variavel em differentes localidades, depende provavelmente de variarem as proporções do sulphato ammoniaco.

---

### METHODO NOVISSIMO DE CONSERVAR O LEITE.

324 M. de Lignac estabeleceu no anno passado em França a industria das conservas de leite. A difficuldade consistia até o presente em impedir o separar-se do leite a nata, em rasão do contacto do ar ou da cocção; requeria-se tambem que o producto obtido podesse dissolver-se em agua, e não ficasse com saibo desagradavel de refervido.

Mettem-se grandes bacias em banho-maria aquecido a vapôr, e deita-se-lhes o leite assucarado na rasão de 50 a 60 grammas (13 oitavas e 64 grãos a 16 oitavas e 48 grãos) por tres quartilhos de leite: não deve ser maior de uma pollegada a altura de leite nas bacias. Para que não se forme a nata na superficie, e para accelerar ao mesmo tempo a evaporação, remexe-se constantemente o leite com uma espatula. A evaporação gasta perto de duas horas; ao cabo o assucar e o leite estão reduzidos á decima sexta parte de seu volume, isto é, por 18 quartilhos de leite e na proporção acima indicada, obtem-se tres quartilhos de essencia lactea com a consistencia do mel de Narbonna. Encerra-se esta essencia em caixas de lata hermeticamente fechadas, que se passam por um banho a vapôr, como se pratica com as de hortaliça e fructos.

Para reproduzir o leite primitivo ajuntar-se-ha á porção de essencia (que se pertende dissolver) cinco porções eguaes de agua, pondo-se a aquecer como o leite ordinario; esta solução tufa e faz os mesmos effeitos ao lume que faria o melhor leite, e tem deste o sabor, salva a addição do assucar, bem como tem as mesmas propriedades medicinaes e alimenticias.

Vê-se pois que o novo processo consiste essencialmente na evaporação, a uma temperatura que jámais deve exceder 100 graus centigrados, effectuada rapidamente e em vastas superficies, sendo por isso mui baixa a camada do leite.

A conserva de leite de M. de Lignac foi analysada cuidadosamente pelo celebre chimico inglez M. Brande, que a reputou excellente, achando-a perfeita e pura, sem vestigio algum de substancia acida ou alcalina, sem cheiro ou sabor estranho, fornecendo a nata como o leite recentemente mugido, e convertendo-se em queijo ou manteiga conforme as manipulações a que a submettia.

---

# LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO XIV.

### Catastrophe.

325 Os quartos que o Conde de Castello-Melhor tinha no paço eram os mesmos que habitára o principe D. Theodosio, filho primogenito de D. João IV. Estes quartos, vastos e bem mobilados, ficavam no lado do palacio que deitava para o mar, tinham communicação com uma grande e bella sala, de doze janellas rasgadas, cujos parapeitos eram sustentados por balaustres de marmore. Esta sala fôra a que o valido escolhera para dar as audiencias; era dalli que partiam para todo o reino as ordens daquelle homem poderoso, a que ninguem ousava resistir, mas contra o qual se tramavam continuas conspirações.

Na noite em que se passaram os successos que ficam narrados nos capitulos precedentes, o Conde estava nesta sala das audiencias, n'uma cadeira de coiro ornada de pregos amarellos, e encostado a um vasto bofete sobre que havia uma escrevaninha de prata, algumas folhas de papel, tres ou quatro livros encadernados em pergaminho, e dois castiçaes com suas vellas de cêra amarella, que, lançando uma luz pallida e tremula, davam a esta casa uma apparencia lugubre e pavorosa.

De pé no meio da sala estava um homem moço, com os vestidos amarrotados, os cabellos desgrenhados, e tão pallido que se poderia tomar por um cadaver se não fossem dois olhos vivos e brilhantes que lhe illuminavam o rosto.

— Foi um milagre escapar — dizia este homem, com voz tremula. — Atiraram-me dois tiros: e quando senti o cavallo vergar debaixo de mim, julguei-me perdido.

— E o Visconde, morreria? — perguntou o Castello-Melhor, sem levantar a cabeça.

— Quando ha pouco saímos daqui — respondeu Simão de Sousa de Vasconcellos — ouvimos gritos proximo das cavallariças; julgamos que era uma desordem, e apressamos o passo dos cavallos para lhe acudir. Vimos então alguns homens acutilando um desgraçado, que não podemos reconhecer; quando nos aproximavamos cairam sobre nós outros assassinos que estavam

escondidos a uma esquina, e sem nos darem tempo para tirar as espadas, deram umas poucas de cutiladas no Visconde da Asseca, que caiu do cavallo como morto. Quiz soccorrel-o, mas... vi...

— Que viste? — disse ancioso o valido, vendo que seu irmão hesitava em acabar a fraze que principiara.

— Vi, meu irmão — proseguiu Simão de Sousa baixando a voz como se receasse ser escutado, apezar de estar só com seu irmão — vi... o Infante...

— Sua Alteza!

— Sua Alteza queria-me assassinar. Quando eu fugi, disparou sobre mim as duas pistolas que tinha na mão, e feriu-me mortalmente o cavallo.

Depois destas palavras os dois interlocutores ficaram callados. O Conde pôz-se lentamente de pé, e deu algumas voltas pela caza, sem levantar a cabeça; e Simão de Sousa sem se mexer do logar em que estava seguiu com olhos turvos os passos incertos de seu irmão.

— Sua Alteza é um inimigo perigoso — murmurou no fim de algum tempo o Conde, não descontinuando de caminhar pela sala. — É preciso convencer El-Rei a que lhe dê esses maldictos gentis-homens, que pede. É um pretexto de que elle se serve para me fazer a guerra, e que é indispensavel tirar-lhe. Não sei como posso ainda supportar esta vida de inquietação e eterna lucta, que me consome!

— O Infante quer-te muito mal. Foi por eu te querer defender das accusações que te fazem os teus inimigos, que me tomou odio, me expulsou de sua caza, e hoje atentou contra a minha vida.

— Fui ainda hoje levar uns papeis a Sua Alteza — disse o Conde — para ter occasião de lhe fallar e vêr se lhe desvanecia as suspeitas que tem de que por conselhos meus El-Rei lhe recusa os gentis-homens, e o tracta com desamor. O Infante depois de ouvir o que lhe eu dizia dando mostras de descontentamento, disse-me apenas «que para se crerem as palavras era preciso que as obras lhe servissem de prova; que elle estava certo de que todos os actos com que Sua Magestade lhe mostrava o seu desagrado, não vinham tanto da vontade delle, como dos máus conselhos que homens mal intencionados lhe davam; emfim, que se eu me queria justificar fizesse boa a sua opinião para com El-Rei.» Foram estes os termos com que Sua Alteza me fallou; e nunca esperei que depois disto atentasse deste modo contra a tua vida.

— D. Rodrigo de Menezes tem persuadido Sua Alteza de que tu lhe usurpas um logar, que só lhe pertencia a elle occupar. O Infante quer governar o reino, e talvez...

— Talvez ser rei — atalhou o Castello-Melhor.

— Bem no sei. Todos estão contra mim — proseguiu elle: — A Rainha, chegada apenas ha dias, já tambem me faz guerra. Como eu não consenti que se fizesse o tractado com a França com as condições apresentadas pelo Abbade de S. Romão, quer-me tirar o valimento, quer-me derubar do poder. A princeza franceza queria fazer deste reino um campo de batalha e deste povo um exercito que combatesse para interesse da França. O marechal Schomberg apoia o partido francez; o que elle quer é a guerra. Tenho inimigos por toda a parte; mas posso mais do que elles todos. O homem que na Italia, longe da sua terra, desterrado e esquecido de todos, disse que havia de governar Portugal; o homem que na acclamação de Alcantara tirou a coroa da cabeça de uma rainha, para com ella coroar um mancebo... quasi louco: o homem que salvou a sua patria das invasões estrangeiras, não ha de agora deixar-se vencer pelas intrigas de uma mulher e o odio de um principe de dezoito annos.

— A amizade de El-Rei... — interrompeu Simão de Sousa.

— A amizade de El-Rei! — exclamou o valido, parando defronte do irmão. — A amizade de El-Rei! El-Rei não tem amizade a ninguem. Se amanhã lhe fosse preciso sacrificar-me ao seu egoismo, se alguem lhe persuadisse que podia passar sem mim, entregar-me-ia nas mãos dos meus inimigos. O que D. Affonso quer é comer, dormir, e satisfazer os seus loucos caprichos; o egoismo é o sentimento mais poderoso da sua alma. Fui eu o primeiro fidalgo, que lhe appareceu depois da prisão do seu favorito Conti, fui eu que o fiz rei; está costumado a vêr-me governar a mim, por isso julga impossivel que outro, sem ser eu, governe este reino. — Neste momento porém ha um grande perigo a combater. A Rainha...

— El-Rei está muito namorado da Rainha — disse Simão de Sousa.

— É verdade; El-Rei vive em muita intimidade com sua esposa. A influencia desta cresce todos os dias; de tal modo que El-Rei já me

esconde alguns dos seus segredos, e vae contar á Rainha quanto eu lhe digo. É preciso empregar todos os meios possiveis para evitar que esta influencia se torne funesta.

Neste momento a porta da sala abriu-se com violencia, e Fr. Pedro de Sousa entrou a passos precipitados.

Era tão grande a inquietação que se manifestava no rosto do confessor de El-Rei, que os dois irmãos correram a elle apenas o viram entrar, a perguntar-lhe a causa do seu apparecimento alli, a uma hora adiantada da noite, e quando elles o julgavam já recolhido no seu convento.

— Venho de Alcantara — respondeu o tio do Castello-Melhor — venho de Alcantara onde te fui procurar. Estranhei não te encontrar ao pé de Sua Magestade, e logo suppuz que estarias aqui. — Tudo vae mal, meu sobrinho. . .

— El-Rei já sabe que o Infante quiz assassinar meu irmão? — perguntou o Conde.

— Quizeram. . . quizeram-te matar, Simão? — perguntou o velho frade caindo sobre uma cadeira.

— Não sabe ainda o que se passou?

Então Simão de Sousa, contou ao tio o que lhe acontecera naquella noite, e o perigo em que deixára o Visconde da Asseca.

— É preciso fugirmos! — exclamou Fr. Pedro, pallido e tremulo de susto. — Está tudo perdido. . .

— Não; nada está perdido! — bradou o valido, com um gesto de colera. — Eu sou ainda o ministro de El-Rei. . .

— El-Rei estava agora no quarto da Rainha — disse o frade; — e esteve hoje muito tempo a fallar com o confessor della, o padre de Villes, o jesuita. . .

— Não importa — interrompeu o Conde, com um tom em que procurava affectar uma tranquillidade, que não tinha. — Tenho força para resistir aos que me combatem. A minha influencia sobre El-Rei, é ainda a mesma: o seu amor pela Calcanhares. . .

— É disso que eu te vinha fallar agora — interrompeu Fr. Pedro. — A Calcanhares está namorada, Conde. . .

— Ah! Ah! Amores que passam, que duram um dia! — disse o valido, rindo.

— Não, não. É um amor que se não póde desvanecer assim. Commetteu já por causa delle uma imprudencia, que a póde perder, que nos póde perder a todos. . .

— O que foi? — perguntou o Conde inquieto.

— A esta hora tem em caza um amante. . .

— É. . . é indispensavel. . . — bradou o favorito pondo-se, colérico, de pé.

— É indispensavel salvar esse homem do risco em que está. . . Henrique Henriques póde já ser sabedor deste desgraçado acontecimento, e, levado pelo ciume. . . pelo zelo com que serve a El-Rei, mandar matar. . . esse desgraçado.

— Seria um crime desnecessario — observou Simão de Sousa.

— Seria um crime perigoso para nós todos — accrescentou o frade. — Francisco d'Albuquerque, o amante de Margarida, é da caza de Sua Alteza. Se o matassem, os do partido do Infante accusar-te-hiam da sua morte, Conde; e levantar-te-hiam calumnias sobre calumnias. Além de que, se Francisco d'Albuquerque morresse, Margarida — disse-mo ella e fal-o-hia de certo — Margarida ír-se-hia metter n'um convento. . .

— E isso não póde, não deve succeder — disse o Conde. — Agora sobre tudo carecemos da Calcanhares para combater a influencia da Rainha.

— Manda depressa alguns homens de ronda para perto da caza de Margarida, a fim de evitar que o seu amante seja assassinado.

— Vou, vou eu mesmo. — E pondo na cabeça o chapéu que estava sobre uma cadeira, e embuçando-se n'uma capa, o valido saíu, acompanhado por Simão de Sousa.

Em quanto esta scena tinha logar no paço, uma outra que tinha com esta intima relação se passava em Alcantara, no quarto de Henrique Henriques de Miranda.

Este confidente e particular valido de El-Rei fallava com um homem de ignobil phisionomia, que acabava de chegar ao palacio a procural-o, e que fôra immediatamente admittido no seu quarto.

— Que novas me trazes, Luiz Manco? Para que me vens procurar a esta hora? — perguntou Henrique Henriques.

— Eu andava a rondar a caza da menina — respondeu, cossando a cabeça, Luiz Manco — quando vi entrar para lá uma cadeira de quatro homens. . .

— A que horas?

— Alli pela volta das sete e meia.

— E quem ia na cadeira?

— Ia. . . ia um homem. . .

— E só agora, ás dez horas, é que me vens dizer isso, excommungado! — bradou Henrique Henriques encolerisado.

— Não foi preciso vir mais cedo — respondeu o assassino da *patrulha baixa*.

— Não foi preciso? Que quer isso dizer?

— O homem que entrou na cadeira, era o sr. padre confessor de El-Rei.

— Então para que me vens tu dizer agora que o confessor de El-Rei foi a caza da Calcanhares? Não sabes que elle é tambem o seu confessor; que vae lá muitas vezes? Bruto!

— Não é isso — interrompeu o Manco, deixando de cossar a cabeça, e pondo-se a voltar socegadamente do avesso a gorra que tinha na mão.

— Então o que é?

— Ás nove horas abriu-se a porta do pateo, e então...

— Que viste?

— Vi outra vez saír a cadeira com o confessor de El-Rei.

— Pois se Fr. Pedro de Sousa entrou para caza de Margarida, e se tu o viste entrar, porque te admiraste de o vêr saír? — interrompeu o cortezão.

— Não é isso.

— Faze-me favor de fallar claro e por uma vez.

— Pouco depois de Fr. Pedro saír, vi abrir-se a porta pequena, que deita para a praia...

— Eu tenho a chave dessa porta na minha mão, e não é possivel...

— É, sim senhor, é possivel. Vi-a eu abrir, com estes olhos, e vi saír por ella...

— Algum homem...

— A aia da menina.

— E quem mais?

— Mais ninguem. Mas não é isso.

— Com mil diabos! Não acabarás de dizer o que viste, homem! Não é isso, não é isso! Então que é?

— A aia voltou pouco tempo depois, e entrou outra vez pela mesma porta.

— Só?

— Com um homem embuçado n'uma capa.

— E tu que fizeste?

— Eu disse a tres dos meus companheiros, que o esperassem á saída, e que o matassem, em quanto eu vinha dar parte a V. Mc. do acontecido.

— Maldito sejas tu! — bradou Henrique Henriques fazendo-se fulvo de raiva — Hei de mandar-te açoitar como um escravo que és! Para que deixaste entrar esse homem? Porque o não mataste?

— Não queria fazer nada sem ordem de V. Mc.

— Mas se esse homem saír agora de caza da Calcanhares, os assassinos que lá deixaste matal-o-hão mesmo sem ordem minha.

Não sabendo o que havia de responder a esta observação de seu amo, o assassino deixou a gorra que já estava perfeitamente voltada do avesso, e recomeçou a cossar na hirsuta cabeça, rosnando entre dentes. — Não é isso, não é isso.

Henrique Henriques, perdido de raiva e de ciume, meteu duas pistolas no cinto, cobriu-se com uma capa, e saíu precipitadamente, dando ordem a Luiz Manco que o seguisse.

De Alcantara ás portas da Ribeira estes dois homens não andaram, correram sem parar. Henrique Henriques era impellido pelo ciume, e pelo seu odio implacavel contra a Calcanhares; Luiz Manco pela sede do ganho, e a de tomar parte no assassinio que se ía cometter. — Este homem tinha os instinctos sanguinarios da féra, e era como ellas estupido e sem alma.

Ao saírem as portas ouviram alguns gritos e um tiro para o lado da caza da Calcanhares; correram para o sitio donde viera o som, e ao voltar uma esquina, deram de cara com dois homens que iam fugindo, e que Luiz reconheceu serem os assassinos que elle tinha posto de guarda á caza da Calcanhares.

Henrique Henriques chamou-os, fêl-os parar, e perguntou-lhes a causa daquella fuga precipitada.

— Quando vimos saír alli da caza o homem que o Luiz nos tinha mandado esperar — respondeu um delles — escondemo-nos á esquina: e mal chegou aopé de nós, atirei-lhe uma facada ao peito, que o estendeu logo. Aqui o Gaspar — proseguiu elle apontando para o seu companheiro — deu-lhe, já depois de elle estar no chão, uma cutilada; e tel-o-hiamos acabado por uma vez se não fosse accudir a ronda...

— E porque não fizeram vocês fugir a ronda, miseraveis covardes! — bradou Henrique Henriques.

— Porque... porque appareceu o Sr. Conde de Castello-Melhor; e se não fugissemos...

— O Conde!

— O Sr. Conde ainda disparou uma pistola

sobre nós — proseguiu o assassino; — e até feriu o Manuel, que lá ficou preso.

— Estás certo, ao menos, que o homem está bem ferido?

— A mim parece-me que daquella se não torna elle a levantar.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

*(Continúa)*

---

## IGNEZ DE CASTRO.

326 VII

Oh! descança-te em paz, lyra sentida,
Mais lagrimas não tens. Verteste todas,
Pela terra, que foi outr'ora grande,
Que, hoje, ás nações do mundo apenas lembra
Nos cantos de um poeta. E que poeta!
O teu nome, Camões, salva da affronta
A honra portugueza. Perdoa a um louco,
Pobre feudo de amor juntar aos cantos
Aonde a linda Ignez vivera eterna,
Se, para eterna ser, lhe não bastasse
Aquelle fino amor, que, exemplo a amores,
Consagrado ficou. Lagrimas tristes
Não sabem escolher olhos felizes,
Por onde, manso e manso borbulhando,
Gravem fundo nas faces um só nome,
E tão fundo! e tão triste! o da saudade!
Formosa, linda Ignez, se o canto é pobre,
Se, inexperto cantor, ousei sem lucro
De teu sentido amor contar extremos;
« Vós, ó concavos valles que podestes
« A voz extrema ouvir da bocca fria »
Da mãe que se finava. Vós, ó valles,
Repetindo-lhes as queixas, os suspiros,
Eternisaes sem qu'rer sua memoria.
Morreste, linda Ignez, mas foi-te a morte,
Como a do cysne, a gorgear ternuras;
Como a da pomba, que, em sentido arrulho,
A vida perde, roxeando em sangue
Do casto peito as nevadas plumas!
O teu cantor o disse: Foi-te a morte,
« Assim como á bonina que cortada
« Antes de tempo foi. » Ignez formosa,
Hoje o meu canto escuta-me se pódes.
E do pallido rosto as seccas rosas
Do rubor da modestia accende a ouvil-o!

VIII

Amor, qae aos outros dá vida,
A ti, Ignez, o que deu?
Uma lagrima vertida
Nessa hora em que nasceu;
Uma fonte fresca, e pura,
Que, nas queixas que murmura,
Diz a tua semventura,
Diz o fim que amor te deu!

« Das lagrimas » se chama a fonte,
Onde os teus olhos, Ignez,
Para que a bocca o não conte
Dizem de amor o revez!
Até no pranto amorosa;
Com elle dás vida á rosa,
Que, na campina, orgulhosa,
Bebe os teus prantos, Ignez!

Na selva, vagos queixumes
Traduzem o teu amor;
Nas veigas, arde em ciumes
Da selva o gentil cantor!
E os ciumes e as queixas,
São variadas endeixas,
Que, ao morrer, á terra deixas,
Festejando o teu amor!

De tristezas, e saudades
Este meu canto compuz:
Acabam aqui vaidades,
De amor o fogo reluz;
As lyras dos trovadores
Se inspiram dos teus amores!
Foi delles, colhendo as flores,
Que este meu canto compuz.

Pedi um canto á minh'alma,
Que fosse, teu, e só teu;
Das trovas nasce esta palma
Que a lyra chorando deu!
Pela saudade pedida,
Foi em lagrimas nascida;
Se vae do peito sentida,
É que o canto é todo teu!

L. A. PALMEIRIM.

---

# NOTICIAS E COMMERCIO.

## ACTUAL NOBREZA HISPANHOLA.

Segundo a *Guia de forasteros* para o anno de 1850, ha em Hispanha, actualmente, o seguinte numero de titulares encartados.

327

| | |
|---|---|
| Duques | 62 |
| Marquezes | 433 |
| Condes | 369 |
| Viscondes | 43 |
| Barões | 33 |
| Titulos estrangeiros | 8 |
| | 948 |

Condecorações de primeira classe:

| | |
|---|---|
| Cavalleiros da insigne ordem do Tosão d'ouro | 52 |
| » grão-cruzes da Ordem de Carlos III | 282 |
| » da Real Ordem americana de Isabel Catholica | 445 |
| » da Real e militar Ordem de S. Fernando | 75 |
| » da de Santo Hermenegildo | 245 |
| | 1,099 |

## POMBAS-CORREIOS.

328 Referem jornaes francezes do principio do corrente que não obstante o progresso dos telegraphos aereos e electricos, e dos caminhos de ferro, continua com bom exito a transmissão de noticias pelas pombas ensinadas. Uma companhia destas emprezas postaes chegou a adquirir pombas que fazem o trajecto de Paris a Londres em menos de quatro horas. Na bolsa de Paris da-se grande importancia ás communicações vindas por este conducto.

Diz-se que uma pomba já fez aquella viagem 48 vezes; e houve quem offerecesse por ella ao dono a quantia de 2,500 francos.

## CHOLERA NA BERBERIA.

329 A cholera asiatica está fazendo grandes estragos em Tunes, principalmente entre os judeus, dos quaes não perecem menos de 20 a 25 por dia. Estabeleceram-se tres hospitaes para os cholericos, repartindo-os conforme suas religiões. Sendo a parte israelita da população a que tem padecido mais, mandou o bey que lhe distribuissem 400 cargas de trigo, 300 odres de azeite, e 10,000 pezos duros.

## OBSERVAÇÃO HYDROGRAPHICA NO ESTREITO DE GIBRALTAR.

330 No anno passado proseguiu as suas investigações no Mediterraneo o capitão de fragata, Coupvent de Bois, e estendeu-as até Gibraltar; conseguiu por uma serie de experiencias comprovar a opinião dos que sustentavam que no Estreito existiam duas correntes encontradas; effectivamente ha uma á superficie que leva as aguas do Oceano para o Mediterraneo, e outra a 72 metros de profundidade (327 palmos) qne segue um movimento contrario, ainda que com muita menor velocidade. Entre ambas as correntes ha a 42 metros de fundura (191 palmos) uma camada intermedia que poderemos denominar *neutra*, á qual não se conhece movimento sensivel quer n'uma quer na outra direcção.

## COINCIDENCIA DE EPOCHAS E INUNDAÇÕES.

331 Os annos que tem marcado o calendario com o algarismo 50 affligiram a Europa com extraordinaias inundações.

Em 1150 o Danubio sahiu do alveo e alagou a parte inferior da Hungria. Em 1250, Hispanha, França e parte da Alemanha soffreram inundações mui desastrosas. Egual sorte coube á Toscana em 1450. Estragos identicos houve em 1650 na Alta Alemanha, e em Vienna o Danubio levou na cheia alguns predios de casas: a Hollanda semelhava-se a um lago immenso. Em 1750 o Arno em Florença e o Tibre em Roma engrossaram tão desmedidamente que devastaram as comarcas visinhas.

No anno corrente muito se receia que ao entrar da primavera se deplorem eguaes desastres por causa do derretimento das neves que de sobra tem cahido, e porque já em Cracovia e na Galitzia os rios tem sahido do seu alveo. Até ao presente o Danubio ainda se conserva nos limites de seu leito, mas se em virtude do degêlo accrescerem as cheias haverá que lamentar algumas desgraças.

## PREÇOS DE AUTÓGRAPHOS.

332 Decididamente cresce de dia para dia o apreço ou mania dos autographos historicos; tem chegado a pagar-se preço exorbitante pelas reliquias escriptas de personagens notaveis. Ainda no meado do anno findo ultimamente foram recamadas de oiro algumas folhas avulsas, rabiscadas pelas elegantes mãos do seculo de Luiz XIV. Uma carta authentica do moralista La Bruyère foi paga por 900 francos. O que mais preoccupa actualmente os curiosos deste genero é a venda da collecção de autographos e manuscriptos historicos que ajuntou M. Villanave, dado ha muito tempo a similhante trabalho. Entre esses manuscriptos, são muitos de J. J. Rousseau, de Madame de Sevigné, etc. etc., e todos os documentos authenticos relativos á beatificação e canonisação de S. Vicente de Paulo: só o breviario do uso deste varão, apostolo da humanidade, foi já vendido por 1,500 francos.

Eis os preços de alguns objectos já vendidos: — uma assignatura de Maria Stuart, 61 francos; uma folha assignada por Napoleão quando era tenente 121 francos; algumas paginas escriptas por Bossuet, 61 francos; umas poucas de linhas da letra da princeza de Lamballe 56 francos.

## MAIS UM FOSSIL ANTEDILUVIANO.

333 Pelos fins do anno que ha pouco findou, nas minas de pedra hume que o marquez Normanby, actual embaixador de Inglaterra em Paris, possue em

Kettleness, condado de York, descobriu-se o esqueleto de um lagarto da especie *plesiosaurus macrocephalus* cujo comprimento total é 22 pés e 4 pollegadas, tendo cada costella mais de quatro palmos e meio. Só lhe faltavam algumas articulações de um pé dianteiro que os trabalhadores desapegaram com os alviões na extracção do esqueleto. Achou-se este no interior de uma grande rocha de pedra-hume, situada a 130 pés de profundidade da superficie do terreno; as articulações que faltavam desentulharam-se posteriormente, e o raro fossil antediluviano está completo.

---

## NUMERO DOS JORNAES INGLEZES.

334 O numero dos jornaes politicos ou noticiadores em toda a Grãa-Bretanha ascende a 547, dos quaes 174 são conservadores, 218 liberaes, 155 sem matiz de opinião. — A somma total subdivide-se deste modo: 113 publicados em Londres, 223 nos condados ou provincias da Inglaterra propriamente dita, 11 no principado de Galles, 85 na Escossia, 101 na Irlanda, e 14 nas ilhas inglezas do Canal etc.

---

## FAZENDA PUBLICA DE AUSTRIA.

A *Gazeta de Vienna* publíca esta resenha respectiva ao 3.° trimestre de 1849.

335

| | | |
|---|---|---|
| Receita | 35.126.536 | florins. |
| Despeza | 79.899.631 | » |
| Deficit | 44.773.093 | » |

A despeza subdivide-se deste modo:

| | | |
|---|---|---|
| Divida publica | 17.220.631 | » |
| Lista civil | 963.764 | » |
| Conselho de ministros | 22.787 | » |
| Ministerio de negocios estrang. | 438.856 | » |
| » do interior | 3.975.470 | » |
| » da guerra | 45.337.743 | » |
| » da fazenda | 3.858.964 | » |
| » da justiça | 1.259.301 | » |
| » de instrucção publica | 470.116 | » |
| » do commercio | 5.832.820 | » |
| » de agricultura e minas | 48.008 | » |

---

## THEATRO DE S. CARLOS.

336 A *Linda* continúa a ser a Opera mais applaudida, e com justiça, porque é bem desempenhada.

O *Torquato Tasso* foi friamente recebido — a execução não é perfeito. Pelo que diz respeito a dança, continua a mesma semsaboria e falta de novidade, bem como continuam as mesmas pateadas. Parece-nos ser este o logar de mencionar um facto pelo qual a empreza deve ser censurado. Consta-nos que a pedido da pessoa a quem beneficiava a recita extraordinaria do dia 20, a Sr.ª Bussola se prestara a dançar nessa noite. As circumstancias do beneficio transformavam esta acção generosa da artista em um acto louvavel e puramente philantropico.

Diz-se que a empreza não permittiu que a Sr.ª Bussola dançasse.

Quando a direcção do theatro de D. Maria II procedeu de identica maneira para com a Sr. Emilia das Neves, nós e toda a imprensa a censuramos por coherencia, tambem hoje nos parece que a empreza de S. Carlos procedeu mal.

Não sabemos promenores do acontecido, mas fossem quaes, fossem a Sr.ª Bussola é uma dançarina de muito merito, que sempre agradou muito ao publico e a quem se não deviam fechar as portas do theatro, quando queria praticar uma acção, pela qual merece louvor.

---

## PRAÇAS ESTRANGEIRAS.

337 *Londres*, 8 do corrente — Os consolidados abriram a 95 $\frac{1}{4}$, fecharam a 95 $\frac{5}{8}$.

*Paris*, 9. — Os 5% ficaram a 96,60, e os 3% a 58,70 para conta.

Annunciava-se que MM. de Rothschild decididamente se encarregavam dos dois novos emprestimos do Piemonte e de Roma. O primeiro, recentemente votado pelo parlamento de Turin, é de 80 milhões, que parece deverão ser negociados a 88%, com 3% de commissão de banqueiro; a quarta parte do emprestimo é reservada aos capitalistas de Turin. Quanto ao segundo, affirmava-se que o governo pontificio convieram em contracta-lo a 78%, e sob as condições propostas pela dita casa Rothschild. As acções do banco de França não poderam sustentar-se no preço de 2,370 do dia precedente, e de novo retrocederam para 2,360 fr.

*Bruxellas*, 9. — Titulos do emprestimo de 5% a 98$\frac{5}{8}$, dito de 2$\frac{1}{2}$ a 50$\frac{15}{16}$.

*Berlin*, 7. — 5% a 107$\frac{1}{2}$; 3$\frac{1}{2}$ a 88$\frac{5}{4}$.

---

## PRAÇA DE LISBOA.

### Em 20 de Fevereiro.

338 Fundos publicos de 5 por cento 53 a 54. — Acções do Banco de Portugal 425$000. — Acções sobre o fundo de amortisação 38 a 40. — Desconto de Notas, 930 por moeda.

Cereaes em 20 de Fevereiro.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Trigo do reino rijo | de 340 a 440 | réis | a bordo. |
| » » molle | de 400 a 450 | » | » |
| » da ilha | de 345 a 400 | » | » |
| Milho do reino | de 230 a 240 | » | » |
| » da ilha | de 200 a 205 | » | » |
| Cevada do reino | de 190 a 200 | » | » |
| » da ilha | de 170 a 180 | » | » |
| Centeio do reino | de 210 a 215 | » | » |